

Psicologia

Mônica Walliter



Pais e Filhos


Não Vivemos Sós

Na edição passada, falávamos sobre as relações de nossos filhos na escola. Darei continuidade ao assunto, tratando desta vez, daqueles que não se relacionam. Existe sempre aquele jovem ou criança que não tem muitos amigos e está sempre só. Em casa a mesma coisa, prefere o silêncio do seu quarto ou a companhia da TV e/ou computador. É comum também nestes casos os pais ficarem até “aliviados”, pois como está sempre quieto ou sossegado, não dá trabalho, não dá preocupação. Engano! É preciso se preocupar sim, com aquela criança ou jovem mais quietinho, isolado, caladão, que não gosta de ir às festas ou programas com o “pessoal”... Alguma coisa acontece, pois é da natureza humana vivermos em grupo. Nos sentimos bem quando estamos em grupo, em maior ou menor frequência, dependendo da idade e da situação... mas de um modo geral, em grupo. Vários podem ser os fatores que levam uma criança ou adolescente evitar o contato com seus pares. A criança pode sentir-se excluída do grupo, pois não pratica as mesmas atividades ou aprecia os mesmos gostos dos colegas de classe. Sente dificul-

dades em ser aceito na “turma”. Tem dificuldades para se expressar verbalmente. Tem a sensação de que ninguém o compreende, por isso prefere o silêncio. Sofre de alguma forma de perseguição (bullying). Está sempre esperando que solicitem a sua presença nesta ou naquela atividade, nunca toma a iniciativa.

Desde quando estes ou um destes fatores acontece? Acontecem somente no ambiente escolar, ou também no familiar e social? São motivo de tristeza e insatisfação por parte da criança? O que podemos fazer para contorná-los? Primeiramente seria bom pensar que tipo de exemplo de relacionamentos, passamos para nossos filhos.

Pais de poucos amigos ou que estão sempre “falando mal” de seus amigos, podem estar passando uma mensagem negativa da amizade. Crianças que crescem ouvindo que elas são ótimas, maravilhosas et cetera e tal... podem acreditar que são tão sensacionais que se bastam sozinhas, amigos só como referência negativa da sua pessoa. O valor que se dá aos eventos sociais promovidos pela escola ou envolvendo colegas de turma, também vai sinalizando para a criança aquilo que é importante ou o que podemos descartar... Precisamos ensinar nossos filhos a apreciar as atividades em grupo, o valor da amizade e a importância de reconhecer as dife-

renças e saber conviver com elas. Não podemos também deixar de perceber as limitações de nossos filhos. Crianças introvertidas ou tímidas, são mais lentas para se sentirem bem num grupo. Crianças que têm muita dificuldade de expressar-se, precisam de uma ajuda maior, quem sabe até de um profissional. Mas é preciso sempre incentivá-las e apoiá-las em mais este aprendizado, nunca conformar-se com seu isolamento, especialmente se este se dá em diversos ambientes. Para uma ajuda eficaz, é sempre aconselhável uma conversa com a escola e um empenho de ambas as partes para efetivamente incluir todas as crianças no processo de socialização que inicia-se na família, continua pela escola e nos direciona para a sociedade. 

BULLYING

É um termo de origem *inglesa* utilizado para descrever atos de *violência física ou psicológica*, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (*bully* ou “valentão”) ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupo de indivíduos) incapaz(es) de se defender. Também existem as vítimas/agressoras, ou autores/alvos, que em determinados momentos cometem agressões, porém também são vítimas de bullying pela turma.
Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre (internet).

Mônica Walliter:
 Professora, Psicóloga e Psicopedagoga.
 Mande suas dúvidas e perguntas para o e-mail: monicawalliter@hotmail.com

